

OBSTÁCULOS FINANCEIROS PARA ALCANÇAR METAS AMBIENTAIS DURADOURAS: ESTUDO EM SUSTENTABILIDADE EMPRESARIAL

Beatriz Ávila Barbosa Queiroz¹; João Victor dos Reis Costa Macedo²; Maria Luiza Alixandre de Jesus³; Miguel Marinho Cardoso⁴; Milena Ramos Lopes⁵; Regina Jacqueline Brandão de Jesus⁶; Morjanne Armstrong⁷

¹ Beatriz Ávila Barbosa Queiroz; Graduando(a) Arquitetura e Urbanismo; Centro Universitário SENAI CIMATEC; beatriz.queiroz@aln.senaicimatec.edu.br

² João Victor dos Reis Costa Macedo; Graduando(a) em Engenharia de Produção; Centro Universitário SENAI CIMATEC; joao.sales@aln.senaicimatec.edu.br

³ Maria Luiza Alixandre de Jesus; Graduando(a) em Arquitetura e Urbanismo; Centro Universitário SENAI CIMATEC; maria.jesus@aln.senaicimatec.edu.br

⁴ Miguel Marinho Cardoso; Graduando(a) em Arquitetura e Urbanismo; Centro Universitário SENAI CIMATEC; miguel.cardoso@aln.senaicimatec.edu.br

⁵ Milena Ramos Lopes; Graduando(a) em Arquitetura e Urbanismo; Centro Universitário SENAI CIMATEC; milena.lopes@aln.senaicimatec.edu.br

⁶ Regina Jacqueline Brandão de Jesus; Doutora em Administração Pública e em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Social; Centro Universitário SENAI CIMATEC; regina.jesus@fieb.org.br

⁷ Morjane Armstrong Santos de Miranda; Doutora em Administração; Centro Universitário SENAI CIMATEC; morjanessa@gmail.com

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo explorar as barreiras financeiras enfrentadas pelas empresas ao tentar implementar práticas sustentáveis. Analisando a tensão entre o lucro de curto prazo e a sustentabilidade de longo prazo, o artigo discute estratégias para integrar a sustentabilidade nas operações diárias e no planejamento estratégico das empresas. Com base em teorias e estudos bibliográficos, oferece embasamento para líderes empresariais e formuladores de políticas, visando uma transformação positiva rumo a um modelo de negócios mais responsável e sustentável.

PALAVRAS-CHAVE: Capitalismo, Empresas, Gestão Ambiental, Sustentabilidade, Obstáculos Financeiros

1. INTRODUÇÃO

No contexto contemporâneo, onde a busca incessante por lucro muitas vezes colide com a necessidade urgente de abordar desafios ambientais e sociais, a questão de como as empresas podem priorizar práticas sustentáveis a longo prazo se tornou um tema central de debate e pesquisa. Enquanto os incentivos financeiros de curto prazo muitas vezes dominam as decisões empresariais, a pressão crescente para adotar uma abordagem mais

responsável e sustentável continua a impulsionar a necessidade de mudanças significativas. Um estudo de 2019 realizado pela Opinion Box, especialista em pesquisas de mercado, descobriu que 55% dos consumidores brasileiros preferem empresas conhecidas por suas preocupações ambientais. Dessa forma, a empresa busca formas de se adaptar para aumentar as expectativas dos clientes.

De acordo com alguns estudiosos, como JAMES O'CONNOR (2002), o sistema capitalista abrange uma disponibilidade inesgotável de fatores de produção, incluindo trabalho e meio ambiente. Essa abundância, por sua vez, resulta em uma segunda hipótese: a crise das condições de produção. Essa crise pode ser entendida como a contradição subjacente entre a busca desmedida pelo lucro e a deterioração das bases materiais e sociais necessárias para a própria reprodução do sistema. Essa análise aponta para a complexidade e os desafios inerentes ao funcionamento do sistema capitalista, especialmente quando se considera o equilíbrio delicado entre crescimento econômico e sustentabilidade.

Por esse motivo, este artigo busca investigar estratégias eficazes para garantir que as empresas incorporem a sustentabilidade em suas operações diárias e planejamento estratégico, mesmo diante da pressão por lucros rápidos. Ao examinar teorias, estudos de caso e práticas recomendadas, este estudo visa oferecer *insights* para líderes empresariais, formuladores de políticas e acadêmicos interessados em promover uma transformação positiva em direção a um modelo de negócios mais sustentável e responsável.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O seguinte capítulo apresenta os fundamentos teóricos do tema abordado nesta pesquisa e os principais conceitos e categorias utilizados para fundamentar o estudo.

2.1 AS NOÇÕES DE SUSTENTABILIDADE

O clássico e mais citado documento da Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (CMMAD, 1988, p. 40), define o conceito de desenvolvimento sustentável como o meio de atender às necessidades atuais, sem que as gerações futuras sejam prejudicadas. Nesse contexto, busca-se o equilíbrio entre o crescimento econômico, a responsabilidade social e a preservação ambiental, com o objetivo de evitar a exaustão dos recursos naturais e minimizar os efeitos adversos.

Cabe mencionar que o conceito do Triple Bottom Line (TBL), os três pilares da sustentabilidade: aspectos ambientais, econômicos e sociais, ganhou destaque nas discussões devido ao fato de criar um modelo que balizaria as discussões sobre o tema, tornando o assunto mais atrativo para as organizações que ainda não haviam se sensibilizado. Desde então, muitas organizações passaram a comunicar seus desempenhos econômico, ambiental e social e suas interrelações, baseadas neste conceito (ISENMANN; BEY; WELTER, 2007).

Nesse sentido, aprofundando cada pilar temos os aspectos ambientais como defensor das condições de produção e consumo para assegurar que o meio ambiente possa se recuperar, respeitando os limites biológicos de recuperação do ecossistema. Entretanto, sob

o ponto de vista social, sustentabilidade deve considerar as condições que permitam que todas as pessoas recebam os recursos necessários para uma existência saudável e de excelência, nesta definição de sustentabilidade, é evidente a intenção de diminuir ou eliminar a pobreza (ISENMANN; BEY; WELTER, 2007).

Por outro lado, na perspectiva da sustentabilidade econômica, é discutida a eficiência. Ou seja, à procura por maneiras de diminuir o consumo de recursos naturais, sobretudo, das fontes fósseis de energia (como carvão e petróleo) e daqueles mal distribuídos, como a água, sem prejudicar o ritmo de crescimento econômico.

A sustentabilidade ambiental é essencial para garantir um futuro próspero para as gerações atuais e futuras. Como exposto no Relatório Brundtland de 1987: Desenvolvimento sustentável implica atender às demandas atuais sem prejudicar a habilidade das gerações futuras de suprir suas próprias necessidades. Ela envolve a capacidade de satisfazer as necessidades presentes sem comprometer a capacidade das gerações futuras de atender às suas próprias necessidades. Ou seja, a sustentabilidade ambiental pode ser alcançada por meio da intensificação do uso dos recursos potenciais direcionados para propósitos socialmente válidos, desde a limitação do consumo de combustíveis fósseis e de outros recursos esgotáveis ou prejudiciais até a redução do volume de resíduos e de poluição (SACHS, 1993, p. 23) No entanto, alcançar metas ambientais duradouras muitas vezes enfrenta obstáculos financeiros significativos.

No entanto, embora todas as organizações de grande porte tenham incluído a busca pela sustentabilidade em suas missões e visões, ainda são raras as empresas reconhecidas como exemplo a ser seguido nesse campo. Isso se deve, principalmente, à falta de um modelo que alie, de forma eficaz, o planejamento estratégico, particularmente o Balanced Scorecard (BSC) (KAPLAN; NORTON, 1996; NORREKLIT, 2000; PRIETO et al., 2006), com os conceitos da sustentabilidade.

Um dos principais desafios financeiros é o custo inicial de transição para práticas mais sustentáveis. Por exemplo, investir em tecnologias limpas e renováveis, como energia solar ou eólica, pode exigir um investimento inicial substancial. Isso pode ser especialmente difícil para países em desenvolvimento ou comunidades economicamente desfavorecidas, que podem não ter os recursos necessários para fazer esses investimentos. (SACHS, 1994, p. 17).

2.2 A ATMOSFERA DA GESTÃO AMBIENTAL

As questões ambientais, pela primeira vez, foram ponderadas como relevantes e pertinentes ao mundo empresarial em 1968, pelo Clube de Roma, um grupo liderado por empresários cujo principal objetivo era julgar tópicos de ordem política, social e econômica relativos ao meio ambiente. Assim, através da publicação do relatório intitulado “Limites do Conhecimento”, em 1972, eles puderam concluir que, caso não fossem realizadas mudanças nos padrões de produção e consumo, o mundo poderia, em breve, colapsar. Também em 1972, deu-se início a primeira Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente (MEADOWS ET AL., 1972), em Estocolmo, na Suécia. A repercussão desse evento foi considerável, uma vez que os problemas ambientais cresciam proporcionalmente ao avanço da produção e do consumo.

É a gênese da preocupação ambiental. Nessa nova fase, destaca-se a introdução gradual e crescente da sustentabilidade, a conexão entre o público e o privado, a adesão da sociedade civil e a expansão do comprometimento coletivo. Todos esses avanços se conjugam em um objetivo uno e medular: a incipiente gestão ambiental. Conforme a NBR ISO 14001 (2004), o Sistema de Gestão Ambiental (SGA) é uma fração do sistema de gestão global que abrange os procedimentos, processos e recursos para o desenvolvimento, implementação, alcance, análise crítica e manutenção da política ambiental nas empresas. Dessa forma, ele funciona como um mentor para o estabelecimento de metas e estudos ambientais pelas organizações.

Para GROENEWEGEN E VERGRAGT (1991), essa gestão pode ser agrupada em três setores: o produtivo, o da inovação, e o estratégico. O primeiro admite que a gestão ambiental interfere no monitoramento e na conformidade dos sítios de produção. Na área inovativa, facilita e impulsiona projetos e tecnologias de desenvolvimento e manutenção do sistema produtivo. Por fim, na esfera estratégica, a gestão ambiental promove a análise crítica com base no desenvolvimento organizacional.

Assim, torna-se inevitável avaliar a gestão ambiental não como um limitador do avanço organizacional das empresas, e sim como um propulsor de um progresso constante. O meio ambiente, dentro dessa atmosfera, é encarado como um componente decisivo de competitividade entre as empresas, na percepção do que PORTER & VAN DER LINDE (1995) julgam ser a concepção de uma competitividade embasada em investimentos no setor ambiental.

3. METODOLOGIA

3.1 TIPO DE ESTUDO

Este estudo foi conduzido por meio de uma pesquisa bibliográfica descritiva e exploratória. Conforme Gil (2002), a pesquisa bibliográfica envolve a revisão da literatura relacionada à temática abordada, utilizando fontes como livros e artigos científicos. Os livros são considerados fontes bibliográficas de excelência, permitindo ao pesquisador uma abordagem vasta e relevante. A principal vantagem desse tipo de pesquisa é a possibilidade de compreender o tema sob a perspectiva de vários autores, proporcionando *insights* sobre como o capitalismo e as metas ambientais se relacionam e caminham conjuntamente.

Para a seleção dos artigos científicos, utilizamos as seguintes bases de referência: SCIELO; RAE - Revista de Administração de Empresas; Revista de Direito, Economia e Desenvolvimento Sustentável; e RAM - Revista de Administração Mackenzie. Além disso, este trabalho incorpora a perspectiva de Ignacy Sachs, apresentada em seu livro autobiográfico intitulado “A Terceira Margem: Em Busca do Ecodesenvolvimento”, cujo principal ideal é a inevitável correlação entre os aspectos econômicos e as questões sociais e ambientais.

No Quadro 1, apresentamos o número de identificação sequencial dos cinco artigos selecionados, seus títulos, autores, siglas das instituições, anos de publicação e nomes dos periódicos.

Quadro 1: Relação dos artigos de análise, em ordem cronológica de publicação.

Nº	Título do Artigo	Autores/ Instituição	Ano	Periódico
1	Gestão ambiental e mudanças na estrutura organizacional	Rosana Icassatti Corazza (Unicamp)	2003	Revista de Administração de Empresas (RAE)
2	Gestão ambiental: uma súplica do planeta, um desafio para políticas públicas, incubadoras e pequenas empresas	Sérgio Azevedo Fonseca (UNESP), Paulo Sérgio Martins (USP)	2010	SCIELO - Scientific Electronic Library
3	Estratégias de gestão ambiental e seus fatores determinantes: uma análise institucional	Graziela Dias Alperstedt (UESC), Rogério Hermida Quintella (UFBA), Luiz Ricardo Souza (UESC)	2010	RAE - Revista de Administração de Empresas
4	Fatores Contingenciais da Gestão Ambiental em Pequenas e Médias Empresas	Paulo Sérgio Martins (USP), Edmundo Escrivão Filho (USP), Marcelo Seido Nagano (USP)	2016	Revista de Administração Mackenzie
5	ESG e Responsabilidade Social Corporativa como um investimento de impacto no Desenvolvimento Sustentável	Luciana Machado Teixeira Fabel (PUC-Minas), José Adércio Leite Sampaio (PUC-Minas)	2024	Revista de Direito, Economia e Desenvolvimento Sustentável

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALPERSTEDT, G. D.; QUINTELLA, S. H.; SOUZA, L. R. **Estratégias de Gestão Ambiental e seus fatores determinantes: uma análise institucional**. 2010. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/rae>. Acesso em 10 maio 2024.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS (ABNT). NBR ISO 14001: **Sistemas da gestão ambiental: requisitos com orientações para uso**. Rio de Janeiro, 2004.

CMMAD - Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento. **Nosso Futuro Comum**. Rio de Janeiro: FGV, 1988.

CORAZZA, R. I. **Gestão Ambiental e mudanças na estrutura organizacional**. 2003. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/rae>. Acesso em: 10 maio 2024.

FABEL, L. M. T.; SAMPAIO, S. A. **ESG e Responsabilidade Social Corporativa como um investimento de impacto no Desenvolvimento Sustentável**. 2024. Disponível em: <https://www.indexlaw.org/index.php/revistaddsus>. Acesso em: 10 maio 2024.

FONSECA, S. A.; MARTINS, P. S. **Gestão Ambiental: uma súplica do planeta, um desafio para políticas públicas, incubadoras e pequenas empresas**. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/>. Acesso em: 10 maio 2024.

GIL, A. C. **Como Elaborar Projeto de Pesquisa**. 4ª ed. São Paulo: Editora Atlas S.A. 2002.

GROENEWEGEN, P.; VERGRAGT, P. Environmental issues for treats and opportunities for technological innovation. **Technology Analysis and Strategic Management**, v. 3 n. 1, p. 43-55, 1991.

ISENMANN, R.; BEY, C.; WELTER, M. Online reporting for sustainability issues. **Business Strategy and the Environment**, v. 16, p. 487-501, 2007.

KAPLAN, R. S.; NORTON, D. P. **Using the balanced scorecard as a strategic management system**. Harvard Business Review, 1996.

MARTINS, P. S.; FILHO, E. E.; NAGANO, M. S. **Fatores Contingenciais da Gestão Ambiental em Pequenas e Médias Empresas**. 2016. Disponível em: <https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/RAM>. Acesso em: 10 maio 2024.

O'CONNOR, J. (2002). **Natural Causes: Essays in Ecological Marxism**. New York: Guilford Press.

PORTER, M. E.; VAN DER LINDE, C. **Toward a new conception of the environment-competition relationship**. Journal of Economic Perspectives, v. 8, n. 4, p. 97-118, 1995.

SACHS, I. **A terceira margem: em busca do ecodesenvolvimento**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009a.

SACHS, I. **Estratégias de transição para o século XXI: desenvolvimento e meio ambiente**. São Paulo: Studio Nobel/Fundap, 1993

TEIXEIRA, J. C. **Sustentabilidade: o que é, como funciona, benefícios e exemplos**. Setembro, 2023.